

Educação Contemporânea: estética e criatividade

Contemporary Education: Aesthetics and Creativity

Educación contemporánea: estética y creatividad

Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa
Universidade Estácio de Sá
smpedrosa@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8844-2043>

Prezados Leitores

Permanecemos meio a uma pandemia que exige isolamento social, uso de máscaras e outros protocolos sanitários. Vivemos o medo da contaminação e a tristeza provocada por inúmeras perdas. Neste cenário pandêmico, também é uma preocupação o equilíbrio do ser humano, para o qual em muito podem contribuir a criatividade e a estética.

Coincidentemente, antes do início da pandemia, recebemos duas propostas para números temáticos, relacionadas à criatividade e à estética, que tiveram suas chamadas divulgadas em 2020, quando novos desafios estavam sendo enfrentados por todos nós.

A primeira, *Criatividade, Lúdico e Interculturalidade: limites e possibilidades para as múltiplas linguagens habitando a escola em tempos de crise*, foi apresentada pela Profa. Dra. Maria Vitória Campos Mamede Maia (UFRJ) com o objetivo reunir artigos que promovessem a reflexão na contemporaneidade sobre o lúdico e a criatividade, entendendo-as como espaços e recursos intrínsecos ao ser humano. Mais do que técnica, ferramenta ou metodologia, a criatividade se coloca como qualidade humana primária, presente nas inúmeras propostas curriculares, nas práticas pedagógicas, na inovação tecnológica, na formação inicial e continuada de professores da Educação Básica e do Ensino Superior, nas ações realizadas nos espaços não-formais de Ensino. A criatividade tem propiciado o enfrentamento da crise da instituição escolar. Esta proposta se estrutura a partir dos interesses de seu grupo de pesquisa Criar e Brincar: o lúdico no processo de

ensino-aprendizagem (LUPEA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ).

A segunda, *Estética e Educação Contemporânea: fundamentos, olhares e experiências*, foi sugerida pelo Prof. Dr. Mário de Faria Carvalho (UFPE), com o intuito de reunir estudos que problematizassem a educação contemporânea a partir da estética, das sensibilidades e de diferentes práticas e manifestações artísticas formais ou não-formais. Buscou-se incluir textos que valorizassem a produção de subjetividades, a dimensão sensível da existência, as estéticas inclusivas, as sensibilidades, as corporalidades e outras linguagens que mantenham relação com a formação estética. Assim, procurou-se construir um espaço de reflexões críticas e transdisciplinares, por meio de reflexões que cogitassem a desconstrução de paradigmas e ressaltassem elementos estéticos que inserissem um compromisso diferenciado com as experiências e as subjetividades. Valoriza-se, assim, o fazer educacional enquanto compartilhamento diário de afetos.

A divulgação da chamada foi seguida por um grande número de submissões, que nos surpreendeu pela qualidade e gerou um extremo desafio: selecionar os artigos que compõem esse número. Foram meses de trabalho ininterrupto, com apoio de nossos incansáveis e esmerados pareceristas, aos quais não podemos deixar de expressar nossos agradecimentos.

Como resultado, na presente edição, apresentamos 31 artigos que configuram um interessante leque de abordagens relacionadas aos temas propostos. Além de contribuições de pesquisadores de universidades de diferentes regiões do Brasil, contamos com a participação duas pesquisadoras atuantes em outros países: uma da Universidad Nacional de Villa María (Argentina) e outra da Universidade Católica Portuguesa.

Os artigos que compõem esse número estão divididos em duas seções, cada uma delas apresentada em continuidade nesse mesmo editorial. *Criatividade, Lúdico e Interculturalidade: limites e possibilidades para as múltiplas linguagens habitando a escola em tempos de crise*, pela Profa. Dra. Maria Vitória Campos Mamede Maia e pelo Prof. Ms. Edson Seiti Miyata; *Estética e Educação Contemporânea: fundamentos, olhares e experiências*, pelo Prof. Dr. Mário de Faria Carvalho.

Agradecemos à Equipe Editorial da *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (PPGE/UNESA),

que permanece ativa e tem permitido honrar nosso compromisso de dar visibilidade à produção científica nacional e internacional.

Finalmente, não poderíamos deixar de registrar que a *Revista Educação e Cultura Contemporânea* se solidariza com todos aqueles que perderam pessoas queridas – parentes, professores, alunos, amigos – neste longo e sofrido período pelo qual todos nós estamos passando.

A todos, desejamos uma boa leitura!

Criatividade, lúdico e interculturalidade: limites e possibilidades para as múltiplas linguagens habitando a escola em tempos de crise

Maria Vitória Campos Mamede Maia
Universidade Federal do Rio de Janeiro
mariavitoriamai@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9697-8243>

Edson Seiti Miyata
Universidade Federal do Rio de Janeiro
esmiyata@ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0001-8552-1048>

Precisamos defender a diversidade e a pluralidade de saberes por meio do pensamento criativo e da presença do lúdico na Educação. Com este manifesto, apresentamos, ao leitor, a presente seção temática intitulada “Criatividade, lúdico e interculturalidade: limites e possibilidades para as múltiplas linguagens habitando a escola em tempos de crise”. Em tempos adversos, compreendemos que certas mensagens precisam ser ditas de início, com a firmeza que o atual contexto nos exige.

As crises desestabilizam cenários e põem em xeque nosso próprio sentido de existência. O mundo real fica mais árido. O sujeito fica mais atônito. Paralisar ações e pensamentos ou negar fatos não são opções viáveis para quem deseja superar infortúnios. Resta a pergunta: como viver/sobreviver em contextos hostis?

Aqui, por meio dos 16 artigos que compõem esta seção temática, advogamos a relevância e a beleza desta área de repouso psíquico e emocional chamada, por Winnicott ([1971]/2005), de espaço potencial. Em outras palavras, podemos também chamá-lo de espaço do lúdico, da imaginação e da criatividade. Foi justamente o lúdico que nos manteve sãos e vivos nos duros meses da (ainda presente) pandemia que eclodiu, no Brasil, em março de 2020. O lúdico propicia mais serenidade na inevitável e cotidiana ligação entre o eu (hoje atônito) e o mundo real (hoje árido).

Defendemos a substancialidade dos temas do lúdico e da criatividade na Educação, em todos seus níveis e espaços. Para além do processo de ensino-aprendizagem circunspecto e da excessiva assimetria entre alunos e professores, precisamos

compreender, verdadeiramente, que é possível ensinar e aprender com a devida seriedade, mas sem abrir mão de processos e de relações mais humanizadas e mais acolhedoras ao pensamento flexível e imaginativo.

Para auxiliar o leitor, organizamos nossos 16 artigos de acordo com a seguinte sequência temática. Na primeira parte, temos os trabalhos nos quais o tema da criatividade na Educação é o protagonista. Edson Seiti Miyata e Maria Vitória Campos Mamede Maia apresentam os resultados de uma pesquisa sobre a perspectiva de criatividade entre professores de um curso técnico em metrologia, contextualizando o pensamento criativo no campo das ciências exatas. O conceito de criatividade intercultural decolonial é apresentado por Rony Pereira Leal, Paulo Melgaço da Silva Junior e Ana Ivenicki, problematizando, no contexto da formação docente, a subalternização dos povos periféricos. Também no campo da formação docente, Simone Emiliano de Jesus e Katia Regina Xavier da Silva debatem o papel da formação criativa e da teoria do desengajamento moral para o combate à violência contra a mulher. Finalizando a primeira parte, Silvia Gabrielle Braz Coimbra e Camila Nagem Marques Vieira discutem a relação entre criatividade e agressividade na visão de professores da Educação Básica, à luz da teoria do comportamento antissocial de Winnicott.

A segunda parte focaliza a relação entre criatividade, arte, socialização e educação. Iniciamos com a pesquisa de Ana Isabelle Santana Baptista, Fernanda Sant'ana Pereira Silva, Anunciata Cristina Marins Braz Sawada e Sheila Soares de Assis sobre o emprego do mangá e do animê nas pesquisas de pós-graduações *stricto sensu* brasileiras de Ensino, Educação e Artes. Mariane Fernandes de Catanzaro e Monique Andries Nogueira debatem os impactos da indústria cultural na Educação e a importância do ensino de Artes Visuais para a construção de processos formativos emancipatórios. Aline Rocha Santana da Silva e Marta Ferreira Abdala Mendes compartilham os resultados de um trabalho com teatro de temática científica (TTC) realizado com alunos do PROEJA. Helena Regina Esteves de Camargo e Daniel Teixeira Maldonado põem foco no tema da pedagogia decolonial por meio de um projeto de extensão voltado para crianças migrantes. Joelson de Sousa Moraes e Inês Ferreira de Souza Bragança debatem o papel das narrativas (auto)biográficas como criação artística, estética e sensível, gerando transformações e aprendizados efetivos. Fechando este bloco, Marco Aurelio Reis e Rafael Otavio Dias Rezende realçam a escola de samba como espaço de educação não-formal e de importância pedagógica para orientar, corretamente, sobre os cuidados necessários na pandemia do Covid-19.

Na terceira e última parte, temos os trabalhos que dão enfoque à relação entre criatividade e educação infantil. Marlene Burégio Freitas, Denize Tomaz de Aquino, Maria de Fátima Souza de França Cabral e Maria Conceição Lira abordam o brincar e a ludicidade na profissionalidade docente na educação infantil. Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira discute como os conceitos de jogos e brincadeiras, por meio de discursos históricos, têm construído uma nova ideia de infância. Edilma de Souza e Silas Borges Monteiro participam uma pesquisa com oficinas de escrituras que ressaltaram o movimento diferencial do pensamento criancero, abordando a igualdade de gênero na sala de aula. Nadja Nara Barbosa Pinheiro aborda a função positiva da agressividade na construção da subjetividade, propiciando a esperança na infância e no viver em comunidade. Jacqueline Silva Silva e Andreia Cristina Pontarolo Lidoino problematizam as contribuições dos espaços físicos na Educação Infantil para promover ambientes lúdicos, a aprendizagem e as interações das crianças. Finalizando este bloco e a sessão temática, temos a Pedagogia Waldorf apresentada por Helen Abdom Gomes e Valéria Ghislotti Iared no contexto da educação ambiental para crianças entre 4 e 6 anos de idade.

Esperamos, sinceramente, que a presente coleção de artigos desperte, no leitor, o papel primeiro do lúdico e da criatividade na Educação. Por meios destes trabalhos, observamos a premência de uma abordagem mais dialógica e mais acolhedora nos espaços educacionais, sejam estes formais ou não-formais. O papel primordial da inteligência deverá, sempre, ser reconhecido, avivado e nutrido. Por outro lado, é preciso reconhecer que em quaisquer operações intelectuais, principalmente naquelas mais sofisticadas, residem as mais belas e mais desafiadoras manifestações do pensamento lúdico e criativo.

Referências

WINNICOTT, D. W. **Playing and reality** (1971). Londres: Routledge Classics, 2005.

Estética e Educação Contemporânea: fundamentos, olhares e experiências

Mário de Faria Carvalho
Universidade Federal de Pernambuco
mariofariacarvalho@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7071-2586>

A estética e as sensibilidades têm sido problematizadas enquanto potências para se cartografar a intersecção entre educação, subjetividade e contemporaneidade. Assim, a noção de educação estética, a preocupação com o sensível enquanto dimensão de saberes *outros* e a mobilização de devires criativos são importantes chaves de leitura para pensar a educação contemporânea. Trata-se de uma singular agenda de reflexões dedicadas a valorizar diferentes correspondências que se articulam no nível do olhar, do corpo, dos sentidos e do imaginário educacional. Nela, a alma se rende ao olhar, à observação, ao lúdico, a racionalidade, ao sensível.

Nesse sentido, podemos presenciar, na contemporaneidade educacional, a partir da educação estética, a valorização do tempo cíclico, espiralado, os espaços, os corpos, as múltiplas linguagens, as expressões e as metáforas artísticas consideradas como lugar sensível, espaços materiais e imaginados nos quais diferentes *personas* (per)formam e compartilham emoções. O pensamento educacional contemporâneo encontra nas exemplificações estéticas e da ordem do sensível bases à desconstrução da forma e do raciocínio mecanizado, o que corresponde com um novo conceito dependente do artifício, da paródia, do sensível e das subjetividades como lentes à problematização estética do fazer educativo.

A (re)leitura do contexto educacional contemporâneo, a partir de perspectivas estéticas e sensíveis, relaciona-se com o rompimento da noção de tempo linear e dialoga com hermenêuticas que reposicionam o modo como percebemos a produção de subjetividades nesse campo. O referido trajeto direciona-nos a perceber quais as contribuições de pesquisas que partem de expressões estéticas e sensíveis para a reflexão da educação contemporânea e quais hermenêuticas, práticas e linguagens têm sido mobilizadas e significadas a partir do estético e do sensível na contemporaneidade educacional.

De tal modo, as recorrências estéticas, simbólicas, artísticas e das subjetividades que mantêm relação com múltiplos espaços e processos de formação, sejam eles formais ou não, cogitam o caráter ético-estético-político da educação. Trata-se da consideração da *persona*, de aspectos que permitem compreender a irrupção do afeto, a importância das emoções, a significação aberta da pessoa, a dinamicidade e fluidez do saber. São dimensões sensíveis do ser e do parecer que valorizam a experiência no trajeto de formação humana. Afinal, a intersecção entre educação estética e sensibilidades, na contemporaneidade, valoriza as diferentes maneiras do compartilhamento diário de afetos, ressalta a compreensão de que elementos estéticos e sensíveis estão inseridos num compromisso ético com a vida cotidiana, com a valorização da relação com a(o) outra(o).

Assim, a sessão *'Estética e Educação Contemporânea: fundamentos, olhares e experiências'*, que compõe o presente dossiê, é formada por um conjunto de quinze textos que, entre si, possuem como elemento comum a valorização da dimensão sensível da existência a partir de diferentes processos de formação estética. A organização desta sessão do dossiê, por sua vez, ressalta reflexões ético-estético-filosóficas que partem de diferentes níveis e espaços formativos, estudos que cogitam a formação dos sentidos a partir da arte, da cultura e de outras expressões estético-sensíveis.

Portanto, nesta sessão, a educação estética e do sensível são desveladas por dimensões interculturais do fazer educativo. Os estudos publicados consideram, igualmente, a educação dos sentidos e suas significações nas práticas pedagógicas a partir de abordagens que se articulam entre diferentes espaços, tempos, imaginários, afetos e estetizações. São experiências e reflexões transdisciplinares e críticas que formulam premissas à desconstrução de paradigmas estruturalistas do saber que ainda fundamentam o modo como percebemos e refletimos a educação contemporânea.

Adriana Vaz, em *'Arte, sensibilidades e educação estética: conceitos, possibilidades teóricas e narrativas'*, trata da educação das sensibilidades a partir do entendimento de que a arte é um meio para propiciar a formação estética. Assim, a autora objetiva ampliar o repertório teórico sobre a temática das sensibilidades, apresentando uma parcela da produção científica que compõe o estado da arte sobre a relação entre a formação estética e as sensibilidades.

O texto intitulado *'Educação estética, docência e experiência: entretecendo ciência, arte e vida no encontro com memórias esquecidas da cidade'*, de autoria de Andrea Vieira Zanella, apresenta uma experiência de intervenção artística na cidade, coletivamente

construída no contexto de uma disciplina optativa ofertada em um Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Para tanto, a autora retoma discussões sobre arte, cidade e memória, foco do plano de ensino, e que consistiram em dispositivo para a criação, somadas à disponibilidade das pessoas ao encontro com outras, com a cidade e consigo.

Mariana Mussetta, Máximo Daniel Lamela Adó e Bruna Lima Peixoto, a partir do artigo *'La escritura académica fuera de sí: la multimodalidad como potencia expansiva'*, propõem explorar a existência de uma escritura outra, uma outra escrita acadêmica, que problematize o seu suposto caráter formal, linear, objetivo, transparente e maiormente linguístico. A partir de tais pressupostos e com base em alguns argumentos deleuzianos, as autoras e o autor indagam sobre práticas textuais não canônicas, que invocam a invenção, o assombro, à volta ao familiar e ao estranho.

O texto *'Da infância e das experiências estéticas na escola: os dizeres e fazeres das crianças como gesto de educação estética'*, escrito por Fernanda Maria Santos Albuquerque e Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles, por sua vez, é um encontro com crianças e professoras que cartografa os (des)encontros (im)possíveis da infância, da experiência estética e da arte na escola. A partir de um plano comum e heterogêneo de produção de dados, as autoras percebem a infância brotar nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sobre como as experiências estéticas das crianças esbarraram na escola para, então, dar importância aos gestos de uma educação estética, às aberturas para existências mínimas na escola.

Silvia Sell Duarte Pillotto, Carla Clauber da Silva, Eliana Stamm e Rita de Cássia Fraga da Costa articulam a experiência estética como mobilizadora de sensibilidades nos percursos formativos de futuros docentes que atuarão nas infâncias. *'Experiência Estética: percursos formativos na educação pelas infâncias'* é uma pesquisa de caráter narrativo que foi realizada num curso de Pedagogia, a partir de cinco Oficinas Estéticas, desenvolvidas no ano de 2019, com o objetivo de reinventar práticas educativas, potencializando a criação/autoria, o imaginário e os afetamentos das pessoas envolvidas, fortalecendo o papel do pedagogo crítico/sensível.

Em *'Educação estética pela experiência da leitura do literário'* Adair de Aguiar Neitzel, Cleide Jussara Müller Pareja e Elaine Cristina da Silva Martins discutem sobre como a mediação do literário pode potencializar a educação estética na escola. Trata-se dos resultados de uma pesquisa intervenção, de abordagem qualitativa, realizada em uma escola municipal de Itajaí, Santa Catarina, Brasil, com quinze alunos dos anos finais do

Ensino Fundamental. A pesquisa aponta que as mediações de leitura propostas se revelaram potencializadoras da educação estética no espaço da escola porque a literatura foi instigada para dar-se na/pela experiência.

‘Sobre devires... O devir-criança agenciando docências em territórios crianceiros transculturais’ é um texto que potencializa as forças dos devires minoritários, sobretudo o devir-criança, que agencia docências em territórios crianceiros transculturais pelas experimentações inventivas. A pesquisa realizada por Juliana Paoliello Sánchez Lobos, Nilcea Elias Rodrigues Moreira e Janete Magalhães Carvalho num Centro Municipal de Educação Infantil, na cidade de Serra/ES, discute, na esteira das filosofias da diferença, as processualidades do devir-criança na docência como um possível que faz romper, cortar, vazar, jorrar e transbordar afetos ao encontro dos corpos coletivos que se colocam em relação nos espaços-tempos da educação infantil.

Kellen Dias Dias de Barros e Leila de Carvalho Mendes em ‘A arte como suspiro: (in)visibilidade do corpo sensível na docência’ refletem sobre o corpo sensível e sua relação com a arte e a docência. As autoras pensam o quanto o esquecimento do corpo e o domínio da razão como entidade abstrata destituída de uma materialidade corpórea têm contribuído para a perda de sensibilidade humana, coisificando-nos. A partir de percursos que transitam da filosofia à antropologia dos sentidos, pensam a importância do corpo na constituição desse sujeito sensível e no quanto a arte é atravessada pela sensibilidade.

Em ‘Arte e produção de subjetividades: a experimentação como signo para a Educação Contemporânea’ Marcio Jesus Vieira Bernardo, Clotilde Tinoco Sales e Zeina Rebouças Corrêa Thomé refletem sobre a arte, o pensamento de Deleuze e Guattari e as implicações desse encontro para a Educação. Por meio da noção de arte como experimentação do pensamento e em consonância com a noção de signo, cogitam o efeito da experimentação, a produção da subjetividade e as suas intensidades marcadas pelos signos no tempo-devir.

O ensaio apresentado por Yasmin Janaína Ferreira Marcos e Mário de Faria Carvalho, intitulado ‘Percursos cartográficos sobre estética e subjetividade a partir de Nietzsche e Benjamin: Mapas para a Educação’, sugere a cartografia, delineada a partir de Deleuze e Guattari (1995), enquanto uma posição ética-estética-política no estilo adotado para o exercício de uma escrita voltada à sensibilidade. Com base nas contribuições de Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin, a autora e autor delineiam mapas e ampliam

reflexões acerca da arte e da subjetividade, apontando a Estética como campo de abertura para a criação de políticas insurgentes que conjuguem saber e existência, numa tentativa de resgatar a potência pertinente à vida nos processos de subjetivação ligados à Educação.

O estudo apresentado por Cristiane Martins e Rossano Silva é parte de uma pesquisa que envolveu estudantes do quinto ano de uma Escola de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Curitiba, em uma intervenção pedagógica que fez uso da linguagem fotográfica como forma de repensar o olhar. O texto intitulado *'Um novo olhar sobre o jardim: a fotografia como possibilidade de deslocalização do olhar'* sugere o conceito de deslocalização do olhar e suas ressonâncias para a produção e análises de imagens fotográficas. Os resultados apresentados demonstram as possibilidades e os limites das pesquisas em educação com base na cultura visual, na apreensão dos(as) participantes dos conceitos ligados à fotografia, análise e produção de imagens.

'Experiências fotográficas e educação em "Meu mundo teu", escrito por Daniela Nery Bracchi, parte da obra artística "Meu mundo teu", parceria do fotógrafo Alexandre Sequeira com dois adolescentes paraenses, para levantar contribuições ao campo da educação. A autora cogita que as experiências artísticas ajudam a construir as pessoas como narradoras e são ampliadoras da experiência humana. Tecendo considerações essenciais a partir do que a obra nos suscita, a autora dimensiona que a noção de experiência é central para a colocação em diálogo de criações artísticas e experiências educativas; que as técnicas fotográficas analógicas são importantes, pois propiciam não só a vivência de uma temporalidade distinta, mas outra relação com o mundo que se dá pela narração; e que as imagens produzidas aprofundam reflexões sobre o caráter emancipador do diálogo visual entre pessoas que vivem em territórios distintos.

Ariane Franco Lopes da Silva, Luiz Carlos Barreira e Isabel Baptista problematizam a educação não formal de mulheres a partir da análise de imagens fotográficas na imprensa no início do século XX em Portugal e no Brasil. Em *'Images of women and non-formal education: body representations in the illustrated press'* as autoras e o autor refletem sobre a difusão de representações contidas na linguagem fotográfica e sobre o seu papel na educação não formal de mulheres. A análise de cenários, expressões faciais, acessórios, ornamentos e posturas corporais indicam como esses elementos difundiram tanto convenções existentes na época quanto novas ideias, expressas pela coexistência de distintos elementos estéticos e composicionais das imagens. O estudo contribui para o

debate acerca do papel das imagens na difusão de representações sociais e a implicação na educação não formal contemporânea.

Em *'Corporeidades, estéticas e histórias na formação de professores: uma perspectiva decolonial por meio do cinema de Zózimo Bulbul'* Fábio José Paz da Rosa apresenta a produção de novas imagéticas negras para o contexto da formação de professores. A partir da apresentação da cinematografia de Zózimo Bulbul, através da experiência com o filme *Alma no olho*, o autor mobiliza estudantes do curso de Pedagogia de duas instituições de ensino superior públicas a produzirem imagens capazes de reelaborar as corporeidades, estéticas e a história dos negros. Os fragmentos produzidos e presentes neste estudo cogitam conhecimentos produtores de sinestésias, presenças diante das ausências e irmandades de mulheres negras no ambiente acadêmico.

Finalizando a sessão, Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Luiza Liene Bressan e Ana Caroline Voltolini Fernandes, em *'Espaço reconfigurado: a casa como sala de aula e um novo imaginário emergencial pela pandemia'*, dimensionam como a pandemia de Covid-19 reconfigurou os espaços e, por consequência, o imaginário social. As autoras analisam a casa como um espaço reconfigurado para o ensino domiciliar e, particularmente, as mudanças de sentido que forjam o imaginário sobre as noções de casa e escola. Com base na simbologia da casa, problematizam sobre um novo imaginário em função das demandas pedagógicas emergenciais suscitadas pela pandemia.

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)